



# Iluminação em pauta

## AsBai realiza mesa-redonda no Rio de Janeiro

Por Claudia Cavallo

**O QUE É UM LIGHTING DESIGNER? QUE NOME EXATAMENTE DEVE SER** adotado para identificar este profissional? Quais itens devem compor o escopo de um projeto? Quais deveriam ser os honorários praticados? Como as gerenciadoras, empresas de engenharia e clientes vêem a importância e atuação do profissional especializado em iluminação? Que critérios adotam para optar por esta ou aquela proposta de projeto? Qual o percentual dos orçamentos das construções que vem sendo empregado em iluminação?

Estes foram alguns dos temas debatidos no 2º Encontro de Arquitetos de Iluminação da AsBAI, realizado no Rio de Janeiro, dia 21 de junho. O evento teve, de um lado, uma mesa composta pela presidência e representantes da Associação Brasileira de Arquitetos de Iluminação e, de outro lado, convidados que são, na verdade, representantes de empresas que contratam *lighting designers* ou trabalham diretamente com eles.

O evento passou longe do formato “palestras sobre estudos de casos e tendências”, o que pode ser considerado “lugar-comum” em seminários sobre Iluminação. O 2º Encontro de Arquitetos de Iluminação da AsBAI deu um passo além no caminho pelo desenvolvimento do segmento de Iluminação no Brasil, levantando questões cruciais para o reconhecimento da profissão e para frear um pouco a banalização da atividade. Com um discurso nem um pouco excluyente ou preconceituoso, o grupo de representantes da AsBAI fez uma apresentação - de forma organizada, objetiva e clara - do que considera como responsabilidade de um arquiteto de iluminação e suas áreas de atuação.

Uma breve explicação dos atuais objetivos da AsBAI, seu organograma e grupos de trabalho - abertos à participação de qualquer associado - abriu o evento. Em seguida, foi apresentada uma proposta de definição de uma tipologia de projetos, escopo de trabalhos e responsabilidade profissional.

A segunda metade do encontro foi focada no depoimento e ponto de vista dos convidados e houve grande participação da platéia. Estavam lá, entre outros: Peter Hans e Miguel Ângelo C. Torres, do Inmetro; Plínio Godoy, da Luz Urbana e

CIE-Brasil; Ricardo Lopes, coordenador do curso de Pós-graduação da Estácio de Sá; o arquiteto de iluminação Ugo Nietzsche; o diretor de fotografia da Rede Globo Henrique Leiner. O público não era grande em quantidade; havia cerca de 40 presentes, numa sala preparada para receber 50 pessoas. Entretanto, quem perdeu a oportunidade de assistir ao debate, deve querer estar presente no próximo encontro. Bons comentários “vão correr no boca-a-boca” rapidamente, com certeza. Ao que parece, a tão desejada “cultura de iluminação” começa, definitivamente, a sair da fase de “alfabetização”.

Veja a seguir alguns depoimentos sobre os temas debatidos no Encontro.

### **Compatibilização de projetos**

De acordo com Francisco Salles, da Engineering, a compatibilização de projetos não é um produto a ser entregue pelo profissional, e sim uma obrigação inerente ao processo de trabalho.

“Antigamente tínhamos um departamento de Compatibilização, mas hoje em dia isso não existe mais. Hoje, cada departamento é responsável pelo que diz respeito à compatibilização de sua parte no projeto com as outras”. Carlos Fortes, diretor da AsBai, disse que em projetos grandes há cronogramas cruzados de projetos complementares, sendo necessária uma coordenação destes projetos. Há casos, segundo ele, em que a compatibilização está na mão do arquiteto, mas há outros em que simplesmente ninguém fica responsável por ela. Acrescentou que isso ocorre em consequência de o cliente não considerar necessária esta atividade, e conseqüentemente não remunerando adequadamente os profissionais. Vicente Giffoni, da Vicente Giffoni Arquitetos Associados complementou: “A atividade e responsabilidade de compatibilização deveriam estar na mão dos arquitetos. Em São Paulo, onde tenho realizado uma série de trabalhos, estão surgindo cada vez mais escritórios para fazer exclusivamente isso”. Gilberto Franco, presidente da AsBai, disse que “muitas vezes o trabalho de compatibilização recai sobre o profissional de iluminação porque se o resultado final não ficar harmônico passará a falsa impressão de que o projeto de iluminação não foi devidamente realizado”.

*O 2º Encontro de Arquitetos de Iluminação da AsBai deu um passo além no caminho pelo desenvolvimento do segmento de Iluminação no Brasil, levantando questões cruciais para o reconhecimento da profissão e para frear um pouco a banalização da atividade.*

### **Supervisão técnica**

Paulo Renato Paque, da LAFEM Engenharia afirmou que em sua opinião, a supervisão técnica deveria fazer parte integrante de toda proposta de projeto de iluminação a um custo fixo, e não como um desdobramento em visitas técnicas. “O que vocês classificam como ‘desdobramento do projeto em mais etapas’ deveria fazer parte do pacote completo. A tal ‘visita-técnica’ é um espanta-cliente danado! É difícil convencê-lo disso como um custo extra”, afirmou. Carlos Fortes esclareceu que a questão do acompanhamento tem duas vertentes: uma é o acompanhamento da execução da obra e a outra, da compra de produtos.

### **Importância da contratação de profissionais de iluminação**

Mariângela Castro, da Fundação Roberto Marinho, falou sobre sua experiência na Fundação e disse que “hoje não se pensa em projeto de restauração de edifícios históricos sem a contratação de um profissional de iluminação”. Ressaltou ainda a importância da divulgação do trabalho deste profissional: “É muito importante o trabalho de consolidação da profissão, a começar por se definir um nome para o profissional que cuida do projeto de iluminação. E este deveria ser um nome em português. Ninguém tem dúvida sobre o que é e o que faz o engenheiro de instalações, por exemplo”. Afirmou haver um desconhecimento por parte dos clientes sobre a evolução de equipamentos e luminárias, ressaltando a importância de que o profissional assessor o cliente mostrando a diferença entre um produto bom e outro médio. Narrou ter havido,

no passado, tentativas infrutíferas de contratar fornecedores de equipamentos para desenvolver projetos, e que acabaram gerando retrabalho pela sua ineficiência.

## Padronização de escopos e honorários

Eduardo Horta, da AsBEA RIO ressaltou a importância desta questão: “O que mais se tem discutido na AsBEA é a padronização de honorários, tema muito complicado. No mês de maio lançamos o ‘Manual de escopo de contratação de serviços de arquitetura’ pela AsBEA SP, tentando criar um padrão nos projetos de arquitetura. No site da AsBEA ([www.asbea.org.br](http://www.asbea.org.br)) há uma tabela de honorários onde o projeto é cobrado por hora técnica e não mais por metro quadrado, que é uma proposta criada pela Asbea do Rio Grande do Sul. Isto pode ajudar a resolver o problema do profissional que não é remunerado para executar a compatibilização, por exemplo”. Francisco Salles afirmou que sua gerenciadora por ser certificada pelas normas ISO, tem um procedimento para avaliação de propostas, em que basicamente se avalia o entendimento do escopo, depois a capacitação da empresa no que concerne a seus recursos humanos e financeiros. Esclareceu que nem sempre o preço é condição para contratação. Por outro lado, afirmou que normalmente os empreendimentos têm um orçamento, baseado em médias dos últimos 5 anos de contratações, do qual não se pode fugir muito. Mariângela Castro disse que as contratações em sua fundação são geri-

das pela lei 8666, onde é suficiente uma carta convite, não havendo necessidade de licitações. Dão preferência a profissionais atuantes na região do empreendimento. O preço nem sempre é o diferencial para a contratação, afirmou.

## Custo de instalação e qualidade de projetos

Plínio Godoy exemplificou que realizou um projeto em São Paulo para loja com poucos recursos. Sua proposta era que à noite a loja virasse uma referência urbana. Mesmo com um investimento pequeno, seu projeto foi publicado na Europa e na China. Mônica Lobo descreveu sua experiência de um projeto com a Fundação Roberto Marinho, na igreja da Lapa, com um orçamento baixíssimo. Reafirmou que a criatividade influencia muito, mas o respeito ao trabalho é muito importante - o trabalho não pode ser descaracterizado por uma questão de valores financeiros. E que devemos valorizar e exemplificar os projetos que deram certo, sendo aliás, esse, um dos objetivos desta Mesa-Redonda, o de tentar reunir pessoas que já tiveram uma experiência positiva em suas atividades profissionais.

## O projeto como investimento

Renato Auriemo da RMA Construtora falou da importância do estudo de viabilidade econômica a ser respeitado para que o empreendimento se realize e que, nesse sentido, o projeto de luminotécnica disputa o orçamento com outras áreas do em-

### Participantes da Mesa

**Diretoria AsBAI:** Carlos Fortes (diretor administrativo e financeiro); Gilberto Franco (presidente); Ginter Parschalk (diretor de relações sociais); Peter Gasper (suplente); Rosane Haron (suplente); Mônica Lobo (vice-presidente).

**Convidados:** Eduardo Horta (AsBEA-Rio); Francisco Salles (Engineering); Mariângela Castro (Fundação Roberto Marinho); Paulo Renato (Lafem Engenharia); Vicente Giffoni (Vicente Giffoni Arquitetos Associados).

### Participantes do Encontro

**Afiliação AsBAI:** Daniel C. Feldman (Casarão Lustres); Daniele Valle (LD Studio); Eunice Bomfim Rocha (FAU UFRJ); Fernanda Fanti Tissot (Focus Lighting); Giani Faccini (Rio Branco&Faccini Arq. de Iluminação); Hans Peter H. Grieneisen (Inmetro); Maria Elena Veronese (Patrícia Penna Arq. e Design); Mônica Rio Branco

(Branco&Faccini Arq. De Iluminação); Plínio Godoy (Godoy&Associados Lighting Design).

**Convidados:** Adriano Góis de Andrade (Andratti Iluminação); Alexandre Góis de Andrade (Led Point); Aline Gerbassi (Aline Gerbassi Arquitetura); Ana Cristina Alvarez (La Lampe); Ana Lucia de Almeida Gonçalves (IPHAN); Barbara Mont Serrat (Centro Cultural Suassuma); Beti Font (Beti Font Light Designer); Chean Y. Hsui (La Lampe); Claudia Cavallo (Revista Lume Arquitetura); Clóvis de Barros (CSB Arquitetos); Fernanda Santos (Peter Gasper Associados); Gil Haguenaer (Gil Haguenaer); Hélio Lima Dourado (Dourado Arquitetura e Design); Henrique Leiner (TV Globo); Inês Benévolo (LD Studio); Ivone Chou (Arquiteta); Layla Furlan (Casarão Lustres); Lorena Catello (Focus Lighting); Marcelo Cardoso (Iluminare Iluminação); Marcelo da Costa Darzi (Instituto Bramante); Mariangela Moura (Rimoon); Paulo Amaral (Iluminare Iluminação); Renato M. Auriemo (RMA Construção); Ricardo Lopes (Universidade Estácio de Sá); Rodrigo Cruz (Peter Gasper Associados); Ugo Nietzsche (NTZ Iluminação e Arquitetura).

preendimento. “Por falta de conhecimento ou informação do cliente, a participação do projeto de luminotécnica acaba sendo muito pequena perante o projeto final”. Sugeriu que seja feito um estudo que mostre qual a participação, em custo, de um projeto de iluminação em outros países, e se faça uma comparação com os projetos brasileiros, o que serviria como um parâmetro para o cliente final analisar e talvez investir um pouco mais no projeto de iluminação. Mônica Lobo, vice-presidente da AsBai, perguntou como é estimado o valor do projeto de iluminação dentro do custo final de um empreendimento, e qual o percentual que representa a iluminação dentro da obra. Renato respondeu que não há um número específico, mas basicamente o incorporador compete com todos os outros investimentos de mercado. “No Brasil, para conseguir atrair o investidor é preciso uma taxa de retorno interessante, porque se concorre com uma taxa de 17% ao ano que os bancos oferecem, em um investimento sem risco. Isto torna muito difícil o trabalho do incorporador”. Guinter Parschalk, diretor da AsBai, informou que hoje, no Brasil, o percentual em iluminação em uma obra oscila entre 2,5% e 4,5 % e, em países desen-

volvidos, esta taxa se situa entre 4,5% e 8%, como no caso da Alemanha, um dos países que mais investe em valor agregado por metro quadrado. Ressaltou ainda o crescente papel da iluminação como componente da arquitetura, agregando valor e diferenciação ao empreendimento.

Cláudia Cavallo, da Lume Arquitetura perguntou como se poderia fomentar uma “cultura da iluminação”, convencendo o cliente do valor que ela agrega, e quais os argumentos mais compatíveis com a realidade brasileira. Gilberto Franco concluiu a reunião afirmando que já esta havendo um aumento dessa conscientização, já que é cada vez maior o número de clientes dispostos a pagar um projeto de iluminação. Afirmou que é mostrando a qualidade do trabalho - e nesse ponto é que entra a AsBAI com sua missão - que é possível competir. “Temos uma situação paradoxal no Brasil, que é um país pobre, onde tudo é feito com poucos recursos, mas que tem excelentes realizações, mesmo comparadas ao cenário do *lighting design* americano e europeu. A previsão é otimista e temos que fazer o que já estamos fazendo, que é discutir todas essas questões”, concluiu. ◀

## Anuncie Lume Arquitetura. Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.



*Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.*

**Publicidade Lume Arquitetura**  
(11) 3801 3497  
publicidade@lumearquitectura.com.br  
ou no nosso site: [www.lumearquitectura.com.br](http://www.lumearquitectura.com.br)

